

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O GAUCHISMO NO ÂMBITO ESCOLAR E SUAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO

Ben Hur Graboski Pinheiro; Fernanda Marques da Silva; Elenise da Silva Pereira;
Eliane Fraga da Silveira - Orientadora
Universidade Luterana do Brasil/ULBRA
benhurgraboski@gmail.com

RESUMO

A grande identificação com o gauchismo no setor educacional pode ser evidenciada por meio da importância dada às alegorias, vestimentas e costumes, e na forte participação da comunidade escolar nesse movimento cultural organizado. Junto com as manifestações tradicionais gaúchas, são reforçados os papéis desempenhados pelas personagens que constituem a historiografia gauchesca, como também, a relação desigual entre esses papéis, em que os gêneros estão explicitamente separados de acordo com o conjunto de valores atribuídos ao papel do “gaúcho” e ao papel da “prenda”. O objetivo desse trabalho é analisar alguns padrões culturais estabelecidos por meio dessa supervalorização cultural e sua presença no âmbito escolar, bem como as representações de gênero contidas na historiografia gauchesca. O interesse por esse estudo etnográfico teve seu princípio ao ser constatada a intensa presença do tradicionalismo gaúcho na instituição de ensino onde foi realizada a observação participante, durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Ciências Biológicas I. Na referida instituição, localizada no município de Guaíba/RS, há um galpão construído pela comunidade escolar, que fica aos cuidados do Departamento de Tradições Gaúchas originado na instituição. O colégio também inaugurou o projeto “Fábrica de Gaiteiros” que, desde 2008, oferta aulas particulares de gaita para jovens de 7 a 15 anos de forma gratuita, utilizando as gaitas de fabricação própria. Mostrou-se nítida a importância da releitura dessas práticas culturais presentes no âmbito escolar, pois, sem serem problematizadas, podem contribuir na perpetuação dos padrões culturalmente atribuídos à pessoa nascida no Rio Grande do Sul, reforçando a construção hierárquica de gênero presente nessa vertente cultural.

Palavras-Chave: Gauchismo; Gênero; Estereótipos.

INTRODUÇÃO

A imagem e significado que o termo “gaúcho” constituiu ao longo da história e a sua constante presença em diversos setores sociais do Rio Grande do Sul, tornam evidente o esforço tradicionalista em manter, de forma “íntegra e inabalável”, a história rio-grandense construída no imaginário social. É nítida a grande identificação com o gauchismo no setor educacional, bem como a importância dada às alegorias, vestimentas e costumes, e a forte participação da comunidade escolar nesse movimento cultural organizado, não apenas, mas principalmente, em datas comemorativas.

Conforme elucida Freitas e Silveira (2004, p. 266), “a escola, assim como a família, os grupos de pares e a mídia, é um espaço onde circulam diversas narrativas sobre grupos

culturais, privilegiando algumas identidades, em detrimento de outras”. É nessa construção de identidade que a escola possui um elevado grau de importância, visto ser um espaço de partilha cultural onde os alunos também desenvolvem, por meio de trocas simbólicas, suas identidades.

A figura emblemática e mítica do gaúcho, cuja representação ainda hoje circula em diversos discursos e artefatos, teve sua constituição, sua invenção, forjada graças a inúmeras condições históricas que possibilitaram o seu surgimento, tendo sido apropriada pelo discurso literário, político, e é utilizada nos dias de hoje como símbolo de todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul. Os discursos e dispositivos pedagógicos da escola, da mídia, e as comemorações e artefatos do nosso cotidiano, interpelam sujeitos, “convidando-os” a tornarem-se gaúchos e gaúchas de acordo com a representação contida nesta figura mítica (FREITAS E SILVEIRA, 2004, p. 267).

Entendendo que há o favorecimento à cultura gaúcha na instituição de ensino onde foi realizado o Estágio Supervisionado em Ciências Biológicas I, se objetivou analisar alguns padrões culturais estabelecidos por meio dessa supervalorização cultural presente no âmbito escolar, bem como as representações de gênero contidas na historiografia gauchesca.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

De acordo com Angrosino (2009, p. 17), “a observação participante é um modo de pesquisar que coloca o pesquisador no meio da comunidade que ele está estudando”. No período de 05 de abril/2017 até 15 de maio/2017, estive observando a experiência escolar diária de alunos e professores do Colégio Estadual Augusto Meyer, localizado no município de Guaíba/RS. Segundo André (2015),

Esse tipo de pesquisa permite, pois, que se chegue bem perto da escola para tentar entender como operam no seu dia a dia os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo. (p. 34).

O interesse por esse estudo etnográfico teve seu princípio ao constatar a evidente presença do tradicionalismo gaúcho no colégio onde foi realizada a observação participante para o Estágio Supervisionado em Ciências Biológicas I. Conforme elucidada André (2015, p. 16), “a etnografia é a tentativa de descrição da cultura”. Sendo assim,

A principal preocupação na etnografia é com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados. Alguns desses significados são diretamente expressos pela linguagem, outros são transmitidos indiretamente por meio das ações. (SPRADLEY, 1979 apud ANDRÉ, 2015, p. 16).

Os resultados e considerações obtidas após o período de observação participante e convivência na instituição estão associados ao motivo secundário pelo qual se estabeleceu minha estadia no colégio, que foi analisar a identidade cultural gaúcha formada no âmbito escolar. Os dados qualitativos foram colhidos e interpretados. “A metodologia qualitativa visa, essencialmente, documentar e interpretar a totalidade do que está sendo estudado em um contexto particular, sob o ponto de vista das pessoas envolvidas” (LEININGER, 1985 apud MARCON; ELSEN, 2000, p. 1).

RESULTADOS

Em uma extensa área no pátio do colégio, há um galpão construído pela comunidade escolar, que fica aos cuidados do Departamento de Tradições Gaúchas originado na instituição. Lá são realizados encontros, eventos, almoços e jantas (galetos) com o intuito de arrecadar fundos para manter o DTG em atividade. Os recursos levantados custeiam as viagens do grupo para os diversos concursos e apresentações que realizam pelo Estado. Além desse espaço permanente nas dependências do colégio, na “Semana Farroupilha”, a supervisão ajusta os horários das disciplinas para cada turma de modo que o período de intervalo é estendido nos dias dessa semana. Nos horários de intervalo dessa semana, alunos, alunas e demais integrantes do DTG, se apresentam com danças, músicas nativistas e declamações de textos gauchescos.

Um grande número de alunos e alunas, principalmente das séries iniciais, vão para a aula devidamente pilchados na semana farroupilha. Também é realizado durante a semana, o concurso de “Mais Belo Pião” e “Mais Bela Prenda”, quando os alunos e alunas desfilam com os trajes típicos, sendo que, aqueles que vendem o maior número de “votos”, são eleitos os vencedores do concurso. Nota-se referências no corpo docente do colégio, seja na cuia de chimarrão circulando na sala dos professores, ou na *Gaita* colocada em destaque em uma mesa, localizada no corredor das salas da equipe diretiva. Guedes (2009, p. 3) afirma que

As manifestações da linguagem oral e escrita misturam heranças populares e eruditas, sendo mais significativos os adágios, os ditados populares, as frases comparativas, os “causos”, as lendas, as quadrinhas e a trova – representações de um conjunto de valores sociais, ideológicos, políticos, morais, que constituem a memória gaúcha, fruto do Imaginário, e, ao mesmo tempo, produzem e reproduzem atitudes que mantêm vivo este mesmo Imaginário, persuadindo as gerações mais novas, pela repetição continuada, a inculcarem esses valores, mantendo-se, de uma forma mais ou menos homogênea, a “identidade” cultural do gaúcho, baseada no mito dominante do “homem-herói”, no qual se assenta (além de, na ideia corrente, da ‘naturalização’ da sociedade androcêntrica) a dominação masculina, reforçando-a nas formações discursivas e nas representações naturais.

Desde 2008, o colégio é integrado ao projeto “Fábrica de Gaiteiros”, criado pelo músico instrumentista e acordeonista Renato Borghetti. O projeto objetiva fabricar manualmente gaitas com madeira de eucalipto e disponibilizar aulas particulares para jovens de 7 a 15 anos de forma gratuita, utilizando as gaitas de fabricação própria.

Toda essa exposição a uma cultura superestimulada faz com que desde crianças, os sujeitos aprendam a tornarem-se gaúchos (as), agregando padrões de caráter identitário. Para Freitas e Silveira (2004, p. 272),

Este discurso tradicionalista se vale de sistemas simbólicos, de tradições, que, mesmo inventadas, vão sendo obscurecidas pela bruma do tempo e passam a fazer parte da memória da nação e de cada um de nós, “sujeitos do presente”, que pertencemos, também simbolicamente, à região.

Parece ser de interesse da comunidade escolar, que suas crianças e jovens integrem os valores ditos de “um verdadeiro gaúcho”, e é esse esforço pela continuidade de uma tradição androcêntrica, que acaba por excluir a subjetividade de valores pessoais e ocupar o espaço de outras possíveis manifestações. Segundo Barbosa Lessa, um dos fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho, o tradicionalismo deve “operar com intensidade no setor infantil ou educacional, para que o movimento tradicionalista não desapareça com a nossa geração” (LESSA, 1954 apud FREITAS E SILVEIRA, 2004, p. 273).

Junto com as manifestações tradicionais gaúchas, é impossível de não serem reforçados e perpetuados os papéis desempenhados pelas personagens que constituem a historiografia gauchesca. Enquanto o gaúcho rude, porém gentil para com as damas, se sobressai como o homem herói e conquistador de uma revolução, a “prenda” zela pela proteção e manutenção do lar, sendo a responsável pelas tarefas que compete a ela exercer para serviço do seu papel. Para Dutra (2002, p. 7),

No Movimento Tradicionalista as novas gerações são convencidas a cultuar um passado idealizado onde o gaúcho viveu um tempo de felicidade na campanha, e as meninas e jovens são seduzidas a representarem o papel de prenda: a “mulher gaúcha”, um espelho de dignidade.

Essa identidade feminina expressa na figura da “prenda” traz uma relação desigual de papéis desempenhados, em que os gêneros estão explicitamente divididos de acordo com o conjunto de valores atribuídos ao papel do gaúcho e ao papel da prenda. Essa construção hierárquica de gênero está presente, portanto, nas canções nativistas, declamações gauchescas, literatura e demais artefatos simbólicos. Quando dentro da escola, seja em épocas comemorativas ou não, essa construção também é implicitamente passada.

O Tradicionalismo gaúcho criou a prenda inspirado no modelo feminino que foi assentado pela sociedade patriarcal e reforçado pela forte influência do positivismo no Rio Grande do Sul. Esta concepção positivista presente na sociedade marcou os fundamentos gerais do culto às tradições propagado pelas entidades tradicionalistas fundadas por Cezimbra Jacques no séc. XIX. O positivismo também continuou norteando o pensamento dos tradicionalistas do séc. XX, que criaram a prenda, visto que esta representa a imagem de submissão das mulheres, ao seu papel de mãe, esposa ou filha (DUTRA, 2002, p. 52).

É diante dessas constatações sobre a figura mítica do gaúcho e da prenda, que podemos entender o Movimento Tradicionalista Gaúcho como “uma organização e um espaço que, além de ditar os comportamentos e práticas adequados a uma sociedade integrada e harmônica, também ‘ensina’ modos adequados de ser homem e de ser mulher” (BECKER, 2010, p. 5).

CONSIDERAÇÕES

Considerando que identidades são formadas por meio do estímulo, muitas vezes persuasivo, proveniente da supervalorização cultural às práticas tradicionalistas, se torna nítida a importância da releitura dessas práticas culturais presentes no âmbito escolar, pois, sem serem problematizadas, podem contribuir na perpetuação dos padrões culturalmente atribuídos à pessoa nascida no Rio Grande do Sul, reforçando a construção hierárquica de gênero presente nessa vertente cultural.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papyrus, 2015.
- BECKER, Gabriela Liedtke. **Representações de Gênero no Tradicionalismo Gaúcho**. 2010. 11f. Reflexão de Monografia - Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2010.
- DUTRA, Cláudia Pereira. **A Prenda no Imaginário Tradicionalista**. 2002. 126f. Dissertação - Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC, Porto Alegre, 2002.
- FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A Figura do Gaúcho e a Identidade Cultural Latino-Americana. **Educação**, Porto Alegre, v. 53, n. 2, mai./ago. 2004.
- GUEDES, Berenice Lagos. O Mito do Gaúcho e suas repercussões na História da Educação do Rio Grande do Sul. **Tempos e Espaços em Educação**, v. 2, p. 53-68, jan./jun. 2009.
- LESSA, Barbosa. **O sentido e o valor do tradicionalismo**. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br>>. Acesso em 15 jun. 2017.
- MARCON, Sonia Silva; ELSEN, Ingrid. Estudo qualitativo utilizando observação participante. **Acta Scientiarum**, v. 2, n. 22, p. 637-647, maio 2000.